

Revista Escrita – Rio de Janeiro – 2018

Corpo – Banquete ¹

Renata Borges é bailarina, coreógrafa, poeta e mestranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pelo Departamento de Letras da PUC – RJ. Residente Artística no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro e é pesquisadora convidada na NUDAFRO Cia de Dança da UFRJ. E-mail: rebaazevedo@gmail.com

Meus pés calçados, uma tarde de vento e sol ao mesmo tempo, o cheiro da comida, as crianças que corriam de um lado a outro, cada uma a seu jeito, brincando. A minha primeira imagem concreta em ser levada para um centro que não lembro se era de umbanda ou candomblé. Ela vindo em minha direção com seus braços abertos. E eu correndo da ialorixá com medo, um corte de tempo, o silêncio, o encontro de um esconderijo até o fim da festa, os óculos dela que não saiam da minha cabeça de criança, do meu corpo branco em um lugar vestido de branco, onde as raízes eram negras e meus ancestrais estavam ali, em um abraço que se deparava com a angústia infantil de ser descoberta a qualquer momento, ali eu via meu primeiro processo de incorporação, a incorporação da imagem que foi criada em mim e que se despiu no tempo, nos meus espaços de reconhecimento, do meu lugar de corpo branco que ouvia o atabaque, o meu corpo como o centro da encruzilhada, da minha casa no meio de vários terreiros de candomblé enquanto eu crescia ouvindo som do tambor e do discurso não aceito dentro de casa, um primeiro encontro com a tensão entre meu corpo – casa e o corpo do outro, um ritmo, um lugar, um batuque representado na mesa e minha mãe dizendo para não continuar porque aquilo não era para se brincar. O aquilo para mim, criança, era algum lugar talvez de uma evocação futura de uma imagem que viria depois. A imagem que eu tinha do ritual do candomblé e a imagem que me era trazida desde a infância por um discurso produzido.

¹ Relato da primeira experiência em um terreiro e memórias afetivas que são instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa de mestrado iniciada em 2018 durante o Programa de Pós – Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, orientada pela professora Patricia Lavelle.

Um corpo reprimido por um espaço criado pela rejeição de uma fé que era desconhecida, mas desejada desde a infância e ao mesmo tempo sendo produzido e afetado por outros lugares. Um corpo que foi, desde cedo, aprendendo pela sensação o lugar de tensão entre o que era colocado como demoníaco e aquilo que o discurso era obrigado a repetir.

Aqui ofereço minha escrita como uma passagem de tempo entre esta minha primeira experiência e a lembrança de uma menina que observa o ritual como narradora e peço licença aos meus ancestrais para que o trânsito entre um lugar e outro de minhas afetações sejam um espaço para se olhar o discurso que hoje produzo na consciência do que sou extensão de alguma outra coisa que se torna inominável neste momento onde meu corpo é um banquete.